

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO
7 e 28 de outubro de 2024

SWEET SIXTEEN / 2002

Um filme de Ken Loach

Realização: Ken Loach / Argumento: Paul Laverty / Direção de Fotografia: Barry Ackroyd / Produção: Sixteen Films, Road Movies Filmproduktion e Tornasol/Alta Films / Som: Ray Bwckett / Música: George Fenton / Direção Artística: Martin Johnson / Guarda-roupa: Carole K. Millar / Interpretações: Martin Compston (Liam), William Ruane (Pinball), Annmarie Fulton (Chantelle), Michelle Abercromby (Suzanne), Michell Coulter (Jean), Gary McCordmack (Stan) / Cópia: Digital, a cores, falado em inglês com legendas eletrônicas em português / Duração: 108 minutos / Estreia Mundial: 21 de maio de 2002, Festival de Cannes / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Na última cena, um jovem à deriva, Liam, que acabara de cometer o mais grave dos crimes em frente à sua mãe, fala ao telemóvel com a irmã, Chantelle. Ela, uma jovem mãe solteira, pergunta-lhe se o que andam a dizer sobre ele é verdade, desabafando: “What a waste. It’s your birthday, you’re sixteen, what are we going to do?” (“Que desperdício. É o teu dia de aniversário, fazes 16 anos, o que é que vamos fazer?”). Em certa medida, a chave dramática do filme está contida nesta interrogação final ou quando um emudecido Liam, sem saber para onde ir, contempla o mar, numa praia lamacenta e cheia de pedras, situada na região de Greenock, no centro da Escócia, cenário de mais um drama realista com a assinatura de Ken Loach. Desta feita, a mensagem política e social cede lugar à mensagem mais humana. O próprio alegou em entrevista («Entretien avec Ken Loach par Yves Alion», *Avant-Scène*, dezembro de 2002) que o seu método começou a mudar a dado ponto, nos anos 90 (mas, quanto a mim, nunca tal se deu em pleno), tendo progressivamente passado a palavra às suas personagens em histórias arrancadas da realidade ao invés de lhes impor uma determinada mensagem política.

O argumentista Paul Laverty, que viu o seu argumento de **Sweet Sixteen** ser premiado no Festival de Cannes e que se tornaria um regular colaborador de Loach, inspirou-se em histórias de pessoas reais a viverem em Greenock para dar as bases necessárias ao cineasta com vista à criação de um “eixo narrativo”, convocando as palavras do próprio Loach. O principal destes eixos liga o irmão à irmã. É Loach quem o refere: “Ele rejeita-a [a ela, Chantelle] como a sua mãe o rejeita a ele”. Um autêntico desperdício (*waste*) de afetos é o que este nada doce filme nos conta, ambientado numa Escócia plúmbea, onde, à época, as estatísticas relativas ao abandono escolar e à delinquência juvenil eram, de facto, alarmantes: “Todos os anos 40 000 crianças são expulsas de estabelecimentos escolares na Escócia. Onze mil são acolhidas por instituições públicas. 75% abandonam a escola sem qualificações. Menos de um por cento frequenta a Universidade. Na Escócia, a proporção de pais menores é a maior da Europa. Na Escócia, cerca de 100 000 crianças são vítimas de violência nas suas casas”, lê-se num artigo publicado na revista *Les Inrockuptibles*, a propósito do filme de Loach e da sua seleção para a competição principal do Festival de Cannes de 2002.

A miséria humana é uma constante no filme desde os primeiros minutos, ainda que entre rapazes e raparigas a câmara de Loach vislumbre uma forma de esperança ou resistência. Veja-se, neste particular, como chocam entre si as duas primeiras cenas do filme: na primeira, vemos adolescentes e crianças – entre eles está o nosso protagonista – a olharem o céu estrelado através de um telescópio, interagindo e brincando uns com os outros, mas, na cena subsequente, Liam, de rosto fechado, acaba forçado pelo padrasto e avô a esconder papelinhos com droga nas gengivas para os passar, sorratamente, à sua mãe durante uma visita à prisão onde esta se encontra a cumprir pena. Das estrelas e planetas longínquos passamos, de maneira brusca, para a realidade muito difícil desta nada feliz família escocesa que vive do dinheiro da droga. Liam só tem olhos para a mãe, mesmo que esta se mostre distante e indiferente aos seus sonhos miríficos de, um dia, poderem viver em paz e sossego numa casa-caravana com vista para o mar.

O adolescente desencaminhado, que há muito abandonou a escola, tem um sonho e, para o (seu) bem e para o (seu) mal, tem ainda um singular poder de iniciativa. É destemido na prossecução dos seus objetivos, nomeadamente o de comprar a dita casa-caravana onde possa vir a morar com a mãe, a irmã e o pequeno filho desta, Callum. A história de Ken Loach é uma narrativa de corrupção de uma personagem-que-sonha (33 anos depois de **Kes** [1969]), das poucas que ainda acalentam sonhos na fria e suja região de Greenock; das poucas que vão resistindo, como podem, às garras da droga ou ao mundo devorador de adultos que transformam sonhadores em delinquentes: “Adoro mostrar personagens que sabem resistir e lutar”, nota Loach na supracitada entrevista. Apesar da sua energia destemida, Liam verá os seus sonhos esmagados pelas circunstâncias difíceis (sociais e económicas) que o vão enredando no mundo do crime, num universo governado por adultos que apreciam a capacidade guerreira do miúdo, mas só se a puderem converter em gasolina para o negócio da droga.

As comparações com **Les quatre cents coups** (1959), de François Truffaut, são justas, porque, no fim, não sabemos ao certo se Loach nos mostra Liam a fitar, nas águas agitadas daquela praia inhóspita, o seu futuro possível, depois de ter brutalmente atacado alguém (não quero revelar, nestas linhas, quem) e trapaceado um dos principais criminosos da região, ou se já só descortina, de maneira nítida, o seu “sem futuro”. Apesar da tentação de Loach para o alto efeito dramático, cena após cena, a notável composição de Martin Compston, à época premiada em múltiplos festivais, tendo sido considerado “The Most Promising Newcomer” nos British Independent Film Awards, dá uma expressão de humanidade que sobressai em cada cena. Ela faz-nos acreditar não só na capacidade da personagem para resistir contra as circunstâncias e para se bater pelos seus sonhos como não nos sentimos, nós, espectadores, (tão) à mercê do indisfarçável prazer, quase sádico, do realizador britânico em acicatar o drama e explorar uma dada tragédia social. A verdade é que mesmo os piores delinquentes podem esconder, no seu íntimo, tanto a possibilidade de mudança como, *a priori*, uma imensa doçura. E esta, tão distante e tão próxima, só o cinema (ou talvez as estrelas) nos pode revelar.

Luís Mendonça